

Manchetes

Folha de S. Paulo – Poder

Pró-aborto, ministra diz que 'não interessa' a sua posição pessoal

Nova titular da Secretaria de Mulheres afirma que vai seguir a posição do governo, de deixar o assunto para o Congresso

O Estado de S. Paulo – Nacional

No governo, ministra descarta defesa de aborto

Titular da pasta das Mulheres, Menicucci abandona teses sobre tema, mas abraça outra polêmica: a abertura de ações por violência doméstica sem aval de vítimas

O Estado de S. Paulo – Vida

Nº de casos de dengue em janeiro cresce 58%

Capital fluminense acumula mais de 50% das notificações no Estado; há risco de epidemia

Correio Braziliense – Brasil

Ignorados pelo poder

Portador do mal de Chagas, deveria ter amparo dos programas que são vitrines para a presidente Dilma Rousseff: o Plano Brasil sem Miséria e o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)

Correio Braziliense – Brasil

Divulgadas as regras para a troca de silicone

O Estado de S. Paulo – Vida

Publicadas diretrizes para troca de prótese

Folha de S. Paulo – Saúde

Troca será feita nos dois implantes mesmo que só um esteja rompido

Correio Braziliense – Cidades

Lei seca em xeque

Julgamento no Superior Tribunal de Justiça pode definir hoje se provas além do bafômetro e do exame de sangue serão válidas para atestar se o condutor cometeu um crime ao dirigir embriagado

Folha de S. Paulo – Cotidiano

Governo processa Twitter por alertas sobre blitz de lei seca

Ação na Justiça Federal de Goiás pede remoção de contas que avisem sobre fiscalização no Estado

Folha de S. Paulo – Cotidiano

Ela tentou salvá-los da Cracolândia

Como uma estudante de engenharia da USP deixou o conforto de casa para "adotar" três moradores de rua; dois deles viciados em crack

Correio Braziliense – Opinião

Infância intoxicada

Folha de S. Paulo – Saúde

Butantan cria teste rápido para achar causa de diarreia

Exame identifica três tipos da principal bactéria causadora do problema, bastante comum no verão

Método, que dá resultado em 15 minutos, deve estar disponível no mercado em dois anos

Folha de S. Paulo – Saúde

Pesquisa investiga por que mulheres preferem cesárea

Folha de S. Paulo – Saúde

Crianças brasileiras vão participar de estudo sobre câncer

Organização Mundial da Saúde vai acompanhar 1 milhão de crianças em dez países para investigar causas ambientais da doença

Folha de S. Paulo – Ciência

EUA criam neurônio com Parkinson jovem

Pesquisa, feita a partir de células-tronco, ajuda a compreender a mutação que causa até 10% dos casos da doença

Correio Braziliense – Saúde

Que coisa mais adolescente

Alterações hormonais e predisposição genética podem desencadear acne na vida adulta. Produtos muito oleosos também contribuem para o surgimento de cravos e espinhas, lembrando a fase jovem de homens e mulheres

Clipping 08/02/12

Folha de S. Paulo – Poder

Pró-aborto, ministra diz que 'não interessa' a sua posição pessoal

Nova titular da Secretaria de Mulheres afirma que vai seguir a posição do governo, de deixar o assunto para o Congresso

'O aborto é questão de saúde pública, não ideológica', diz Menicucci, ativista das causas feministas

JOHANNA NUBLAT
DE BRASÍLIA

Favorável à descriminalização do aborto, a nova ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres afirmou que sua posição hoje "é de governo" e que o assunto está com o Legislativo.

"A minha posição pessoal, a partir de hoje, não diz respeito, não interessa. Minha posição pessoal está em todos os jornais, nas entrevistas que dei, não seria eu se não reafirmasse o que falei anteriormente. Mas sou governo, minha posição, hoje, é de governo", declarou ontem Eleonora Menicucci.

Anteontem, questionada pela Folha sobre como iria se portar no governo em relação à defesa que faz do direito ao aborto, disse: "Toda essa minha luta pelos direitos reprodutivos e sexuais das mulheres, e para que as mulheres

não morram mais por aborto inseguro, me fortalece".

Por outro lado, o posicionamento de governo, assumido pela então candidata Dilma Rousseff para não melindrar o eleitorado evangélico e católico na eleição de 2010, é não liderar alterações pró-aborto na legislação.

Bombardeada com questões sobre interrupção voluntária da gravidez, Menicucci defendeu ontem uma abordagem de saúde pública.

"O aborto é uma questão de saúde pública, não ideológica. Como o crack, as drogas, a dengue, como o HIV, as doenças infectocontagiosas."

E disse que o governo fez sua parte ao elaborar, em 2005, uma minuta de projeto de lei que liberava o aborto até 12 semanas. Criticado, o texto foi entregue informalmente a uma comissão do Congresso e nunca virou lei.

"O governo tem um projeto no Congresso, ele só andar se assim os parlamentares quiserem e entenderem a importância dele. Neste momento, nós do Executivo não temos muito o que fazer", disse Menicucci, que apontou a importância da pressão social para uma mudança.

A ministra, que toma posse sexta-feira, é professora titular em saúde coletiva da Unifesp, tem trajetória no combate à violência contra as mulheres e em causas feministas. Listou como prioridade à frente da pasta o combate à violência.

Entidades feministas elogiaram a escolha da ministra, mas lembraram da importância do debate sobre o aborto.

O Estado de S. Paulo – Nacional

No governo, ministra descarta defesa de aborto

Titular da pasta das Mulheres, Menicucci abandona teses sobre tema, mas abraça outra polêmica: a abertura de ações por violência doméstica sem aval de vítimas

LÍGIA FORMENTI / BRASÍLIA

A nova ministra da Secretaria de Políticas para Mulheres, Eleonora Menicucci, que ao longo de sua vida acadêmica declarou diversas vezes ser favorável ao aborto, afirmou ontem que sua posição pessoal sobre o assunto não vem mais ao caso. "A partir do convite da presidente Dilma eu sou governo e minha posição é de governo", afirmou a ministra. "Eu não seria eu se não reafirmasse (a opinião sobre o tema)", disse. Mas, agora, ela assegura que o assunto está nas mãos do Legislativo. "O Executivo não tem o que fazer."

"Claro que a questão não é unânime e o debate tem de ser feito de maneira respeitosa", disse a ministra, para quem cabe à sociedade civil pressionar pela retomada do debate da legalização do aborto no Congresso.

A ministra explicitou, porém, outro tema espinhoso: defendeu que processos

referentes a violência contra a mulher possam ser iniciados mesmo sem a anuência da vítima - um assunto que está na pauta do Supremo Tribunal Federal na sessão de hoje, tendo como relator o ministro Marco Aurélio Mello. "Sou totalmente a favor. Esperamos liquidar este debate. Não tem justificativa a suspensão das investigações quando não há a anuência da mulher."

A ministra cobrou a implementação do Pacto da Não Violência por Estados e municípios e a execução da Lei Maria da Penha. "O Executivo tem responsabilidade de garantir a proteção e a punição ao agressor."

Reprise. As declarações sobre o aborto após a nomeação estampam o cuidado com o qual o tema será tratado na sua gestão. Embora tenha enfatizado que o aborto inseguro é uma das maiores causas de morte materna no País, Eleonora segue o tom da presidente Dilma Rousseff.

Durante a campanha eleitoral, reagindo a pressões de setores religiosos, Dilma foi obrigada a assumir o compromisso de que não adotaria nenhuma medida pró-discriminação do aborto se eleita.

O Estado de S. Paulo – Vida

Nº de casos de dengue em janeiro cresce 58%

Capital fluminense acumula mais de 50% das notificações no Estado; há risco de epidemia

CLARISSA THOMÉ / RIO

O número de casos de dengue notificados na cidade do Rio de Janeiro até 4 de fevereiro é 58% maior que o registrado no mesmo período de 2011. Neste ano houve 2.625 notificações e em 2011, 1.658. Os números correspondem a mais da metade dos casos do Estado - são 4.681. A dengue 4 já foi identificado em mais um município. Além de Rio e Niterói, o subtipo foi isolado em amostras colhidas em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense.

"Os dados corroboram a expectativa de que essa pode ser uma epidemia ainda maior que as de 2002 e 2008", afirmou o superintendente em Vigilância Epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde, Márcio Garcia. Ainda não houve mortes.

A expectativa da nova epidemia tem levado os órgãos públicos a tomar medidas para minimizar o efeito da explosão de casos - nem todas são aprovadas por especialistas. Um exemplo foi a distribuição de 40 carros de fumacê pelo governo estadual para municípios do interior.

"As ações de combate à dengue têm sido repetidas nos últimos 25 anos. O foco é sempre a forma alada do mosquito e as larvas. Mas o *Aedes aegypti* é domiciliar e as pessoas fecham as janelas quando o fumacê passa", afirmou o professor do departamento de virologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Maulori Cabral, coordenador do Disque Dengue. "O agente também coloca veneno nos potes com água. Mas a larva vira pupa e a pupa não vai ingerir o veneno."

Cabral vê com bons olhos o repasse de verba anunciado em janeiro pelo governo federal para 1.159 cidades com projetos de combate à doença. Também elogiou a campanha Dez Minutos contra a Dengue, que incentiva o engajamento da população. "A ideia é brilhante. É preciso ter uma mudança de atitude."

Casa abandonada. Ontem, a prefeitura entrou compulsoriamente no 25.º imóvel abandonado. O ingresso dos agentes municipais é permitido desde o ano passado por um decreto do prefeito Eduardo Paes (PMDB), desde que o proprietário seja notificado. Em 80% dos casos, os donos procuraram a prefeitura para evitar a entrada compulsória.

O prefeito anunciou, na semana passada, que negociaria com hospitais particulares para que as unidades ofereçam melhor tratamento de dengue.

O clínico-geral Luiz Fernando Correia, chefe da emergência do Hospital Samaritano, disse que o treinamento de médicos da rede particular começou em 2011. "Os profissionais foram treinados para aplicar o protocolo estabelecido pelo Ministério da Saúde. O segredo é ter na rede privada o mesmo tipo de abordagem, com diagnóstico rápido e hidratação, que a rede pública."

Para entender

O subtipo 4 do vírus da dengue voltou a aparecer no Brasil em 2010, após ficar 28 anos sem registros. Ele causa os mesmos sintomas provocados pelos subtipos 1, 2 e 3 do vírus, como febre, moleza, cansaço e dores no corpo, entre outros. O risco de ele estar em circulação, segundo especialistas, é que a população brasileira ainda não tem imunidade contra esse sorotipo do vírus e, por isso, há risco de epidemias caso ele se disperse.

O vírus tipo 4 não é mais agressivo que os demais. O problema é que, caso existam infecções sequenciais por diferentes subtipos, os casos podem se tornar mais graves.

Não há um tratamento específico. As medidas terapêuticas visam à manutenção do estado geral. Os médicos alertam que não devem ser usados derivados do ácido acetilsalicílico para a dor e a febre.

Correio Braziliense – Brasil

Ignorados pelo poder

» Vinicius Sassine

Enviado especial

Posse (GO) — Ademilson Francisco dos Santos, de 40 anos, é duplamente ignorado pelo Estado brasileiro. Portador do mal de Chagas, deveria ter amparo dos programas que são vitrines para a presidente Dilma Rousseff: o Plano Brasil sem Miséria e o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). No papel, os burocratas do governo incluíram os doentes de Chagas no rol de

beneficiados das ações de combate à pobreza extrema e de melhoria da infraestrutura no país. Na prática, Brasil sem Miséria e PAC não conseguem melhorar a vida desses brasileiros.

Em maio de 2011, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) fez chegar ao Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) um documento com recomendações para o Plano Brasil sem Miséria incluir ações de controle das doenças da pobreza. Nas 15 páginas da nota técnica, à qual o Correio teve acesso, o maior detalhamento se refere à doença de Chagas, em razão dos 3 milhões de doentes crônicos no país e das falhas no controle dos vetores. Até agora, nada foi feito no âmbito do plano, como o jornal constatou em campo e com técnicos da Fiocruz.

Em outra frente, o PAC liberou dinheiro ao Programa de Melhoria Habitacional para o Controle da Doença de Chagas entre 2007 e 2010. A iniciativa foi excluída do rol de ações de infraestrutura em 2011 e, até agora, continua suspensa. Um documento da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) elaborado para justificar a retomada dos recursos, obtido pelo Correio, cita a existência de 60,1 mil famílias em áreas de risco para a doença — com possível infestação de barbeiros — que ainda precisam ser contempladas com o programa. Para reformar ou substituir por completo as casas dessas famílias, são necessários R\$ 811,5 milhões. Não há qualquer previsão de liberação do dinheiro.

Paredes de adobe

Ademilson vive com a mulher, Maria Nunes, 47, e com o pai, João Francisco, 86, numa dessas casas esquecidas pelo poder público. O imóvel, na região rural do Poço, em Posse (GO), na divisa com a Bahia, é um dos mais propensos à permanência de barbeiros. As paredes são de adobe. As telhas de barro são sustentadas com madeiras roliças trespessadas. A casa é muito escura, inclusive durante o dia. A família passa manhãs e tardes em frente ao imóvel.

“O dinheiro deve ter saído para outro canto. Não veio para cá”, diz Ademilson sobre a verba prevista no PAC. A maior parte dos recursos, na verdade, nem chegou a ser liberada. O município de Posse assinou um convênio com a Funasa para receber R\$ 750 mil, dinheiro que deveria ser destinado à melhoria habitacional a partir de 2008. Encerrado em setembro do ano passado, o convênio resultou na liberação de apenas R\$ 275 mil. A placa do governo federal que informa a existência da parceria continua instalada na entrada principal de Posse.

À casa de Ademilson também não chegou qualquer assistência em saúde, nem dentro nem fora do Plano Brasil sem Miséria. Os únicos que apareceram foram os dois “gringos” — os pesquisadores norte-americanos Sarah Williams-Blangero e John L. Vandenberg, que conduzem há 10 anos na região um estudo genético sobre a doença de Chagas. Ademilson conta que teve amostras de sangue coletadas pela dupla estrangeira e que, até agora, não sabe o resultado da análise do material. Ele não sabe ter Chagas. O Correio consultou o banco de dados da pesquisa e constatou que o resultado do exame foi

positivo para a doença.

“Os gringos falaram que viria um médico aqui. Mas não veio ninguém”, diz Ademilson. Há um ano, o agricultor sente dificuldades para engolir os alimentos. “O que como durante o dia coloco para fora à noite.” Os problemas no trato digestivo podem ser decorrentes do mal de Chagas. “Os gringos disseram que vão trazer os exames de volta.” Sarah e John devem voltar a Posse — eles são do Texas — somente em junho.

Para tentar incluir as doenças da pobreza no Brasil sem Miséria, a Fiocruz — vinculada ao Ministério da Saúde — montou um comitê de apoio ao plano. A nota técnica reforça que a meta deve ser identificar e tratar casos agudos e “qualificar o cuidado” nos casos crônicos de doença de Chagas. O documento cita os casos de famílias em Belém que “passavam fome após o acometimento pela doença e incapacitação ao trabalho”, o que justificou o recebimento do Bolsa Família. Também são lembrados os novos mecanismos de transmissão da doença, como os surtos de transmissão oral na Amazônia.

“A doença de Chagas reduz a qualidade de vida e a capacidade produtiva, traz estigma e depressão, impacta no SUS com implantes de marca-passo e cirurgias de transplante cardíaco, para os quais são os primeiros da fila.” A nota técnica propõe, ao fim, o monitoramento da incidência e do risco das doenças da pobreza. “O que é feito nas regiões vulneráveis ainda não tem a ver com o Brasil sem Miséria. É um desafio complexo”, diz ao Correio a pesquisadora Tânia Araújo Jorge, autora da nota. “Controlar as doenças promotoras da pobreza é requisito para o Brasil erradicar a miséria.”

Falta de explicações

O Ministério da Saúde é o responsável final pelas ações do Brasil sem Miséria e do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) direcionadas aos doentes de Chagas. Desde o início da publicação da série de reportagens do Correio, a pasta se silencia no que diz respeito às ações específicas para Chagas. Nas duas vezes em que foi questionado sobre os investimentos para combater a doença, o ministério informou, via assessoria de imprensa, que a transmissão da doença está “efetivamente” interrompida no Brasil ou que a incidência mantém-se “estável” ao longo dos últimos anos.

A pasta não informou quanto investe especificamente no combate à doença. Disse genericamente que ações de prevenção e controle de doenças negligenciadas — “uma delas, a doença de Chagas” — contaram com R\$ 1,4 bilhão no ano passado e têm “garantidos” R\$ 1,7 bilhão neste ano. No Brasil sem Miséria, cabe ao Ministério da Saúde o combate às doenças negligenciadas.

A assessoria de imprensa ignorou também os questionamentos da reportagem sobre a paralisia do programa de melhoria habitacional e sobre o represamento do dinheiro para a reforma das casas. Informou apenas que a Fundação Nacional de Saúde (Funasa), subordinada à pasta, empenhou (emitiu garantias de pagamento) R\$ 274,9 milhões para as ações entre 2008 e 2010.

Correio Braziliense – Brasil

Divulgadas as regras para a troca de silicone

Grasielle Castro

O Ministério da Saúde publicou, ontem, no Diário Oficial da União, as diretrizes técnicas para a troca das próteses mamárias das marcas Poly Implant Prothese (PIP) e Rofil, preenchidas com material irregular. A portaria esclarece que quem tem prótese dessas marcas nos dois seios e apresenta risco de ruptura em apenas um poderá realizar a troca dos dois implantes. De acordo com o governo, a interpretação é de que se subentende que o risco é válido para os dois silicones. As diretrizes valem tanto para o Sistema Único de Saúde (SUS) quanto para as operadoras de plano de saúde.

Elaboradas pelo Ministério da Saúde, pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) e pelas sociedades brasileiras de Mastologia e de Cirurgia Plástica, as diretrizes só preveem a troca após uma série de exames que comprovem a ruptura. A orientação inicial do ministério é de que as cerca de 19,5 mil mulheres com as próteses — sendo 12,5 mil da PIP e 7 mil da Rofil — procurem o estabelecimento no qual fizeram o implante para uma avaliação médica. Além do exame físico, o profissional de saúde poderá pedir exames de imagem, a serem realizados por meio de ultrassonografia ou ressonância magnética. As diretrizes divulgadas ontem estão disponíveis no site da Anvisa (www.anvisa.gov.br).

O Estado de S. Paulo – Vida

Publicadas diretrizes para troca de prótese

O Ministério da Saúde publicou no Diário Oficial da União diretrizes que oficializam e orientam sobre os procedimentos para a troca de próteses de silicone das marcas PIP e Rofil, tanto no SUS como na saúde suplementar. Os serviços de saúde deverão dar assistência integral às pacientes - da consulta ao acompanhamento e possível indicação de substituição cirúrgica. A medida prevê troca do silicone nos dois seios, mesmo que apenas uma das próteses esteja rompida.

O ministério reforça a recomendação para que a avaliação médica e a possível troca seja realizada, em princípio, pelo serviço de referência onde o implante inicial ocorreu. Em caráter excepcional, os pacientes poderão procurar qualquer unidade do SUS. / FERNANDA BASSETTE

Folha de S. Paulo – Saúde

Troca será feita nos dois implantes mesmo que só um esteja rompido

DE BRASÍLIA - As diretrizes estabelecidas pelo governo federal para a substituição dos implantes rompidos das marcas PIP e Rofil garantem a troca das duas próteses mesmo que só uma delas esteja rompida.

Essa e as demais orientações para o atendimento das pessoas com os implantes defeituosos foram publicadas ontem no "Diário Oficial da União" e

devem ser seguidas pela rede pública e pelos planos de saúde, diz o ministério.

"Se você troca de um lado só, existe diferença de volume, de massa. Cada marca [de prótese] tem uma característica, uma evolui mais lentamente para o rompimento, além de trazer transtorno para a paciente [que necessitar de uma segunda troca no curto prazo]", afirmou Wanda Elisabeth, representante da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, nos debates sobre o tema com o governo federal.

A substituição está indicada para pacientes com próteses rompidas das duas marcas -ou com alteração no exame físico, no caso de histórico de câncer de mama.

O governo estima que 20 mil mulheres carreguem implantes PIP ou Rofil. Um número de trocas muito aquém desse já foi informado à sociedade, afirma Elisabeth.

A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) disse já ter informado às vigilâncias locais para que façam o descarte dos implantes defeituosos retirados em cirurgia. (JOHANNA NUBLAT)

Correio Braziliense – Cidades

Lei seca em xeque

Julgamento no Superior Tribunal de Justiça pode definir hoje se provas além do bafômetro e do exame de sangue serão válidas para atestar se o condutor cometeu um crime ao dirigir embriagado

Adriana Bernardes

Os ministros do Superior Tribunal de Justiça (STJ) avaliam hoje quais provas serão válidas para atestar a embriaguez de um motorista. O ministro Marco Aurélio Bellizze apresentará o relatório e o voto para a Terceira Seção, que se reúne a partir das 14h. A depender do andamento dos trabalhos, o julgamento pode ser concluído ainda hoje, colocando fim à polêmica da exigência do bafômetro ou do exame de sangue como os únicos testes capazes de identificar se o motorista cometeu o crime de dirigir alcoolizado.

A Terceira Seção é composta por 10 ministros, metade deles da 5ª Turma e a outra parte, da 6ª Turma. Em julgamentos de recursos semelhantes, as duas divergem sobre o tema. Os magistrados da 5ª têm entendido ser dispensável o teste de alcoolemia para comprovar a embriaguez ao volante, incluindo como provas o exame clínico e a prova testemunhal. Já os da 6ª têm considerado o bafômetro e o exame de sangue indispensáveis para atestar se o condutor está sob o efeito de bebidas alcoólicas.

Na sessão de hoje, o ministro Bellizze apresenta o relatório com as informações resumidas do processo e o seu voto. Os demais ministros podem seguir o entendimento do relator, revelarem-se contra ou ainda pedir vistas. Nesse último caso, não há como prever quando o processo voltará à pauta. Na

audiência, haverá nove ministros presentes. Isso porque a 6ª Turma tem uma cadeira vaga. O presidente da sessão só vota em caso de empate. Portanto, serão oito votos.

O julgamento previsto para hoje é resultado de um recurso do Ministério Público do DF e Territórios (MPDFT). Em 2008, um motorista flagrado alcoolizado ao volante foi conduzido ao Instituto de Medicina Legal (IML), onde se constatou a embriaguez. No entanto, o condutor pediu o trancamento da ação penal alegando que a concentração de álcool não ficou comprovada, conforme previsto no artigo 306 da Lei Federal nº 11.705/08 (leia arte).

O MPDFT recorreu em 19 de novembro de 2008, sob o argumento de que a decisão do Tribunal de Justiça do DF e Territórios (TJDFT) criou uma situação mais favorável para o infrator. Professor de direito penal, Saul Tourinho Leal defende que os tribunais devem aceitar outras provas para atestar a alcoolemia dos condutores infratores. “Caso tornemos impossível a comprovação do estado de embriaguez, essa será mais uma lei meramente simbólica, que veio como resposta aos assustadores números de mortes no trânsito, mas sem condições para gozar de plena exequibilidade”, avalia.

Jurisprudência

O julgamento previsto para hoje terá a atenção de todos os tribunais do país, que observarão a jurisprudência firmada pelo STJ. A tendência é que juízes de primeira instância e desembargadores sigam o entendimento dos ministros a respeito do assunto, o que agilizará os julgamentos e evitará a enxurrada de recursos dos réus. Mas isso não quer dizer que o magistrado fique obrigado a decidir da mesma forma que o tribunal superior. Se for o caso, ele aceita o recurso do réu e o processo alcança instâncias superiores.

Advogado e presidente da Comissão de Direitos de Trânsito da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), seccional São Paulo, Marcos Arantes Pantaleão defende o endurecimento da legislação no sentido de tornar crime dirigir sob a influência de qualquer quantidade de álcool, assim como o aumento das penas. “Mas é preciso ter uma gradação nas penas, baseada na quantidade de álcool no organismo. Mas isso tem que ser medido ou pelo bafômetro ou pelo exame de sangue”, destacou.

Mudanças em discussão

As brechas na legislação de tolerância zero à combinação álcool e volante mobilizam integrantes dos Três Poderes. Recentemente, o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, defendeu a necessidade de endurecimento da legislação. No Congresso Nacional, há várias iniciativas nesse sentido. Uma das propostas saiu do Senado Federal (PLS nº 48/11), aprovada em caráter terminativo na Comissão de Constituição e Justiça em novembro do ano passado. Além de tornar crime dirigir sob qualquer quantidade de álcool, aumenta as penas para quem infringe a proibição.

A proposta precisa ainda ser submetida ao plenário da Câmara dos Deputados. Por enquanto, está parada na Comissão de Viação e Transporte, onde tramita com a identificação PL nº 2.788/11. As discussões só devem avançar no fim do

mês ou no início de março, quando haverá eleição para os novos integrantes das comissões.

O deputado Edinho Araújo (PMDB/SP) é o relator da matéria e pretende apresentar logo o seu parecer e voto. “Em conversa hoje (ontem) com o presidente (da Câmara) Marco Maia, percebi nele o interesse de votar esse projeto ainda neste semestre”, antecipou. O parlamentar assegura ser favorável às duas principais alterações propostas pelo Senado.

Ainda assim, Araújo apresentará requerimento para que sejam feitas audiências públicas antes de definir a questão. “É importante promover o debate reunindo especialistas, para ouvir argumentos contrários e favoráveis”, argumentou.

Independentemente da aprovação do projeto que pode alterar a Lei Federal nº 11.705/08, a lei seca, o promotor Evandro Manoel da Silveira Gomes, da Assessoria de Recursos Constitucionais do MPDFT, espera que a polêmica sobre a necessidade de aferição da quantidade de álcool no organismo seja decidida ainda hoje na Terceira Seção do Superior Tribunal de Justiça. “O STJ finalmente vai pacificar a questão e firmar jurisprudência. Esperamos que o assunto seja encerrado hoje. Condições para julgar, todos eles (ministros) têm, porque já se depararam com essa questão nos últimos anos”, avalia. Foi o MPDFT quem entrou com o recurso no STJ para que a Justiça aceite outras provas para processar o condutor pelo crime de dirigir alcoolizado.

Folha de S. Paulo – Cotidiano

Governo processa Twitter por alertas sobre blitz de lei seca

Ação na Justiça Federal de Goiás pede remoção de contas que avisem sobre fiscalização no Estado

AGU argumenta que operações policiais reduzem acidentes; pedido de liminar ainda não havia sido julgado

RENATO MACHADO
DE BRASÍLIA

A AGU (Advocacia-Geral da União) entrou com uma ação civil pública para que o Twitter remova contas que alertam os motoristas sobre blitz da lei seca em Goiás.

A ação foi ajuizada na Justiça Federal de Goiás contra a Twitter Inc. -dona do microblog- e os titulares das contas que indicam horários e locais em que as autoridades de trânsito fazem as operações. A ação vale apenas para aquele Estado.

A Procuradoria da União de Goiás, autora da ação, pediu por meio de liminar que o Twitter suspenda imediatamente as contas, inclusive as que alertam sobre radares e outras ações policiais.

A Procuradoria detectou três contas, mas a ação pode abranger outras. Uma delas já foi retirada do ar, disse a AGU.

A ação solicita multa diária de R\$ 500 por descumprimento, caso a liminar seja aceita -até o início da tarde, ela ainda não tinha sido julgada.

O advogado da União em Goiás, Luís Fernando Teixeira Canedo, afirmou que não deve haver problemas para que a empresa cumpra uma eventual decisão, mesmo sendo sediada fora do país.

Ele afirma que a AGU busca possíveis escritórios de representação do Twitter no Brasil, embora por enquanto não tenha conseguido. "O próprio portal informa um endereço eletrônico para receber as demandas das polícias de todo o mundo e da Justiça."

O argumento da AGU é que a fiscalização tem papel importante na redução de acidentes e no combate a outros crimes. O órgão afirma que a conduta do Twitter e dos proprietários das contas agride a vida, a segurança e o patrimônio das pessoas.

A advocacia diz que a ação teve como base estudos -da Polícia Rodoviária Federal e do Denatran, por exemplo- que mostram que o custo de acidentes nas rodovias federais e estaduais é de R\$ 24,6 bilhões ao ano (dados de 2004 e 2005).

A Folha não conseguiu contato com a Twitter Inc.

Aplicativo para celular revela local de operações

VANESSA CORREA
DE SÃO PAULO

Em São Paulo, um perfil no Twitter, que tem até aplicativo para baixar no celular, avisa onde estão as blitzes da cidade.

Para infringir a lei, basta acessar o perfil @LeiSecaSP, seguido por 43 mil pessoas (muitas são colaboradoras), para saber de praticamente todas as blitzes em curso.

Ontem de madrugada, tuitava-se: "RT @OgroGordo: @LeiSecaSP, blitz violenta embaixo do Minhocão sentido Villa Country [casa noturna da Barra Funda, zona oeste]".

Depois de a AGU anunciar que pode tirar do ar perfis como o @LeiSecaSP, os tuítes passaram a protestar contra "censura". Pediram, também, táxis mais baratos à noite e metrô 24 horas.

A Folha conversou ontem, pelo Twitter, com um seguidor e colaborador do @LeiSecaSP, Maurício Andrade (@contatodomau), 23.

Ele diz que tuíta quando vê uma blitz. "Com ou sem o Twitter as pessoas vão beber, não podemos ser paternalistas e decidir pelas pessoas", disse.

Folha de S. Paulo – Cotidiano

Ela tentou salvá-los da Cracolândia

Como uma estudante de engenharia da USP deixou o conforto de casa para "adotar" três moradores de rua; dois deles viciados em crack

RAPHAEL SASSAKI

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Foi numa quarta-feira quente, dia de protestos em São Paulo, que a estudante Ossana Chinzarian, 25, pulou da cama decidida a dar uma basta no sentimento de solidão que a consumia por seis meses. "Preciso me relacionar com as pessoas de forma mais humana", pensou.

Então, Ossana sentiu a necessidade "urgente de fazer alguma coisa".

Era aniversário de São Paulo. A estudante saiu do Paraíso, bairro da zona sul de São Paulo, onde mora com dois irmãos num amplo apartamento -os pais vivem em Mato Grosso do Sul.

Ela seguiu em direção ao centro, mais precisamente para a cracolândia, com a ideia de engrossar o coro de protestos que aconteciam naquela região contra a ocupação da Polícia Militar.

Quando chegou lá, uma reviravolta tomou conta da cabeça de Ossana.

Enquanto observava parte do cenário em ruínas da Nova Luz, a estudante de engenharia da USP pensou em como poderia ajudar ao menos três moradores que ela logo avistou, com simpatia, assim que chegara à cracolândia.

Resolveu, então, que iria "adotá-los". Ossana conta que não pensou se tal atitude corria o risco de dar errado ou não. Simplesmente, seguiu em frente com o plano.

OS 'ADOTADOS'

Eis o perfil dos "adotados": dois homens e uma mulher com amplo histórico de rua, problemas familiares e envolvimento com drogas.

Marcos Damasceno, 30, mora na rua. O Amaral, como é conhecido, conta que saiu de casa quando tinha dez anos, após repetidas surras do padrasto. Nesses anos, acumulou cicatrizes no rosto e tem dificuldade para articular a fala. Jura, porém, que nunca experimentou crack, apesar da exposição à droga.

Edson Corrêa, 25, viajou a pé do Rio de Janeiro para São Paulo. Ele conta que fugia da violência policial - sem dar detalhes sobre a operação.

Na metrópole paulistana, sonhava em virar rapper. Sem documentos, Edson não conseguiu vaga em albergue. Ficou dois meses na rua.

"Fumava crack para matar a minha fome", afirma Edson.

A terceira "adotada", Silvana Aman, 35, consumia pedras ao lado do namorado, responsável, segundo ela, pelo vício. Morando na rua após cinco anos de uso frequente, ela ficou sem os dentes da boca. Perdeu ainda mais: a guarda das duas filhas.

CASA E COMIDA

"Não acreditei quando aquela 'patricinha' apareceu e sentou no chão com a gente. Achei que, como todos, ela fosse dar uns trocados para nós e ir embora", lembra Edson. "Mas ela ficou."

Não só ficou como a "patricinha" apostou cegamente na recuperação do grupo. "Não vejo diferença entre eu, Einstein ou um morador de rua", diz Ossana. "Não senti medo em momento algum." Primeiro, a estudante levou os três para a casa.

"Minha irmã chegou e, é claro, não entendeu o que estava acontecendo", conta Ossana. "Ela me disse: 'Sempre aprontando alguma, hein Ossana?'" A estudante já havia dormido com uma criança moradora de rua.

À irmã, a estudante de engenharia tratou logo de explicar o que estava acontecendo naquele apartamento. Após a breve explanação, segundo lembra Ossana, os ânimos se acalmaram.

No apartamento da anfitriã, os convidados tomaram banho para, em seguida, se sentarem à mesa para matar a fome. No cardápio, macarrão, feito pela própria estudante. "Todos se comportaram direitinho", brinca ela.

Na sequência, eles se jogaram no sofá diante da TV.

Passava um dos filmes da série de heróis "X-Men", diversão garantida, pensou logo Ossana. Depois, viria "Tropa de Elite 2", com o emblemático capitão Nascimento.

"Gente, desculpa, mas não consigo ver polícia nem na TV", reclamou Silvana.

A próxima ação da estudante da USP foi sair com os três "adotados" para comprar roupa nova na vizinhança.

"Estávamos tão acostumados a ser tratados como bicho que a gente começou a achar que de fato éramos um", conta Amaral, que, assim como os dois colegas, ficou surpreso com a atitude de Ossana.

Naquela hora, seguindo rumo às lojas no Paraíso, os três vestiam roupas velhas, sujas e rasgadas. Ossana, diz, não se importava nem um pouco.

Para animar, a estudante levou a turma, pós-banho de loja, ao show de Ney Matogrosso na praça da República, no centro. Era festa em comemoração ao aniversário de São Paulo. Os quatro foram juntos de metrô.

No manhã seguinte, acompanhou os "adotados" até o Brás. No PAT (Posto de Atendimento ao Trabalhador), Marcos, Edson e Silvana foram encaminhados para entrevista de emprego.

Ossana fez mais: alugou um apartamento no bairro.

A estudante fechou o contrato do imóvel por três meses. Ela mesma pagou as parcelas adiantadas, cada uma delas no valor de R\$ 600.

"Em 25 anos morando na rua, a única pessoa que fez alguma coisa por mim foi um pastor, que me levou para a casa dele e me deu roupa e comida", lembra Amaral.

Em contrapartida, Ossana fez uma única exigência aos três: que eles largassem o vício, a rua e recomeçassem, a partir dali, uma nova vida.

Amaral soube aproveitar a oportunidade. Foi contratado como ajudante de ferreiro -primeiro emprego em anos.

Ganha R\$ 600/mês, suficientes para pagar o aluguel após os três meses de dívida quitada pela colega Ossana.

Nem todos tiveram a mesma reação que a dele.

SÓ AMOR NÃO BASTA

Em crise de abstinência, Silvana desapareceu de casa. Até ontem à noite, ela não havia retornado. Ninguém sabia sobre seu paradeiro.

Edson reencontrou o crack dias depois de instalado na casa do Brás. Roubou um vizinho (R\$ 250) e fugiu com o que encontrou pela frente, roupa e objetos que Ossana tinha colocado na decoração do imóvel dos colegas.

"É claro que eu não imaginava que isso fosse acontecer", confessa Ossana. "Tudo isso me deixou muito triste."

A estudante conta que ficou decepcionada com o comportamento dos outros dois "adotados".

Mas longe dela pensar em desistir. "O crack é foda", diz. "Não dá para achar que só amor e atenção resolvem."

Médico diz que ação é inócua para curar vício

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

O psiquiatra Thiago Fidalgo, que coordena um programa de tratamento para usuários de drogas na Unifesp, diz que, apesar de positiva, a atitude da estudante Ossana Chinzarian é insuficiente para curar o vício do crack.

"Do ponto de vista humanístico, pouquíssimas pessoas teriam coragem de fazer o que ela está fazendo. Mas do ponto de vista de saúde pública, tem

pouco resultado", diz ele.

"O tratamento em que há maior evidência científica que funciona é o que combina tanto o apoio médico como o social, o que garante uma maior chance de sucesso", explica o psiquiatra da Unifesp.

Correio Braziliense – Opinião

Infância intoxicada

Dioclécio Campos Júnior

Médico, pesquisador associado da UnB, secretário de Estado da Criança do DF, foi presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria
(dicamposjr@gmail.com)

Contra fatos não há argumentos. Falam por si mesmos. Não há como desmontá-los. Muito menos ignorá-los, como se inexistissem. As versões que despertam podem divergir, porém não os extinguem. A realidade que lhes é inerente independe de elucubrações emocionais. Tem cunho existencial próprio. A verdade irrefutável que representam está na arquitetura do conteúdo, não na fugacidade da aparência. As versões esgotam-se. Os fatos podem ser devastadores, se não reconhecidos na essência.

Assim caminha a sociedade humana. Convive com excrescências. Faz de tudo para ocultá-las. Implode o patrimônio ético que, convertido em pó, asfixia direitos e restringe a respiração moral. Como tudo na vida tem preço, não só monetário, as novas gerações pagam caro pelas mudanças de hábito a que o progresso material do mundo moderno as tem induzido. A moeda de troca é devastadora. A efígie que lhe confere marca tem a cara de uma nova morbidade, cujos sinais e sintomas são fatos concretos.

A doença em curso ainda não possui nomenclatura própria. Mas o reconhecimento da síndrome que permite diagnosticá-la dispensa recursos tecnológicos. Os danosos componentes socioambientais que a constituem afligem cidadãos que vivem na sociedade capitalista de hoje. A tríade sintomática é assustadora, assume dimensão quase epidêmica. De fato, violência de toda natureza degrada a vida mundo afora; dependência química contamina parcelas crescentes da população; obesidade avança irrefreável. A gravidade dos efeitos que tais distúrbios produzem sobre as pessoas é evidente. Nem carece de comprovação.

Outra verdade consagrada volta à tona. Não se erradica morbidade por meio de tratamento puramente sintomático. Identificada a causa, somente ações preventivas são capazes de enfrentá-la com eficácia. Tudo o mais recai na categoria de medidas protelatórias de elevado custo e baixo alcance curativo. Combater violências, esvaziar cracolândias, facilitar acesso à cirurgia bariátrica são práticas imediatistas que ajudam, mas não resolvem.

A causa maior da morbidade que assola a espécie no novo milênio já foi descoberta. Pela natureza dos transtornos psicossomáticos que desencadeia, a enfermidade é vista como uma forma de intoxicação iniciada na infância.

Trata-se de fenômeno definido como estresse tóxico, desde os anos 1970. Consiste em transtornos provocados na estrutura cerebral em construção, alterando o crescimento e a diferenciação do projeto original do novo ser humano oriundo do processo de fecundação. Decorre do esvaziamento da convivência familiar, precariedade social que expõe a frágil criatura ao desamparo afetivo, às carências em que é obrigada a sobreviver, às agressões diversas que a subestimam. É o cenário estressante que intoxica a infância dos novos tempos. Os danos derivados desse hedonismo egocêntrico da atualidade são flagrantes.

Estudos científicos demonstram que a gênese dos desajustes comportamentais de adolescentes e adultos concentra-se nos primeiros anos de vida. O impacto do estresse crônico sobre a tenra infância resulta na produção endógena aumentada de substâncias que causam desestruturação desconcertante do cérebro. Uma delas é o hormônio chamado cortisol. Não só desfaz conexões existentes entre as células cerebrais como inibe o estabelecimento de outras.

As repercussões do estrago são previsíveis. Prejudicam a conduta, os hábitos alimentares, a educação, a economia e a saúde ao longo de décadas da vida, adoecendo gerações inteiras. As doenças infecciosas perdem terreno para a nova morbidade. O desafio das iniciativas requeridas para conter a intoxicação da infância é imenso. As autoridades que não o percebem devem ser substituídas, sob pena de aprofundarem a catástrofe que se avizinha.

A formação dos profissionais de saúde, particularmente a do pediatra, precisa ser estendida na duração e reformulada no conteúdo. E como infelizmente o lar já não existe, a criança deve passar a maior parte do tempo fora de casa. Não em qualquer lugar, mas em espaço seguro, livre do estresse, apropriado ao teor lúdico que merece, rico na estimulação cognitiva a que tem direito, povoado por entes afetivos que a entendam, provedor da nutrição que lhe assegure crescimento saudável. Eis o investimento preventivo que os governos prometem e não fazem. Que a sociedade comece a entender, sem ensejar. Conforme disse Frederick Douglass, no século 19, “é muito mais fácil construir crianças fortes que reparar homens quebrados”. É o afeto agora ou a droga logo mais.

Folha de S. Paulo – Saúde

Butantan cria teste rápido para achar causa de diarreia

Exame identifica três tipos da principal bactéria causadora do problema, bastante comum no verão

Método, que dá resultado em 15 minutos, deve estar disponível no mercado em dois anos

MARIANA VERSOLATO
DE SÃO PAULO

Um teste simples e rápido, desenvolvido no Instituto Butantan, pode ajudar a diagnosticar a diarreia de forma mais precisa e orientar o médico na hora de escolher o tratamento adequado.

O exame se parece com os testes de gravidez vendidos em farmácias. Um papel é inserido em uma amostra das fezes do paciente e cada traço que aparece nele indica um entre três tipos da *Escherichia coli*, a principal bactéria causadora de diarreias.

Cerca de 30% das diarreias são causadas por bactérias, como a *E. coli* e a salmonela, por exemplo. O restante dos casos acontecem por infecção viral. As diarreias bacterianas, com origem em alimentos e água contaminados, são comuns no verão.

Quando o culpado é um vírus, o tratamento consiste em evitar a desidratação, segundo o infectologista Juvêncio Furtado, professor da Faculdade de Medicina do ABC.

Já no caso das bactérias, geralmente são usados antibióticos. Mas é preciso tomar cuidado especial com um tipo de diarreia, diagnosticado no teste e causado por toxinas liberadas pela *E. coli*.

A bactéria produtora da toxina shiga causou a morte de mais de 50 pessoas na Europa no ano passado -a origem da contaminação foi atribuída primeiro ao pepino espanhol e depois ao broto de feijão alemão.

Segundo Letícia Barboza Rocha, que desenvolveu o teste como pesquisa de doutorado no Instituto Butantan e na USP, o uso de antibióticos nesse caso pode romper a bactéria e provocar uma liberação maior de toxinas. Se não for tratado, o problema pode causar falência renal.

Esse tipo de bactéria não é muito comum no Brasil -há apenas casos esporádicos.

Segundo Roxane Piazza, bioquímica do Laboratório de Bacteriologia do Instituto Butantan e orientadora da pesquisa, um estudo da Escola Paulista de Medicina apontou que, só no Hospital São Paulo, ligado à universidade, houve 13 casos desse tipo de diarreia entre 2001 e 2004.

"Se os surtos acontecerem, queremos estar preparados para reconhecer a causa imediatamente e controlá-los."

RAPIDEZ

Para Furtado, é importante determinar de forma rápida a causa da doença. "O exame de fezes demora alguns dias e a tomada de decisão precisa ser rápida. Se eu souber se é toxina ou bactéria, posso pensar em administrar ou não antibióticos."

Ele afirma, no entanto, que há outras bactérias causadoras de diarreia que não foram englobadas pelo teste.

Sandra de Oliveira Lopes, professora de infectologia pediátrica da Unifesp, diz que saber o que causa a infecção é essencial.

Hoje, a identificação do agente causador da doença é feita pela análise dos sintomas -bactérias causam febre mais alta e prostração. Mas a confusão pode levar a tratamentos errados.

"Quando há uma dificuldade de fazer o diagnóstico e diferenciar a causa, muitos pacientes acabam tomando antibióticos e nem sempre é o caso", afirma Furtado.

A expectativa é que o produto esteja disponível em até dois anos, segundo Piazza.

Folha de S. Paulo – Saúde

Pesquisa investiga por que mulheres preferem cesárea

DE SÃO PAULO - A Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, ligada ao Ministério da Saúde, vai coordenar um estudo para saber por que as mulheres preferem o parto cirúrgico, a cesárea, em vez do parto normal.

Serão entrevistadas 24 mil mulheres em pós-parto. Reportagem da Folha publicada em 20 de novembro de 2011 mostrou que em 2010, pela primeira vez, as cesáreas foram maioria (52%) entre os partos realizados nas redes pública e privada de saúde.

A pesquisa vai investigar, além do motivo da escolha do parto, a indicação médica e se o mesmo profissional foi responsável pelo pré-natal e pelo parto.

Folha de S. Paulo – Saúde

Crianças brasileiras vão participar de estudo sobre câncer

Organização Mundial da Saúde vai acompanhar 1 milhão de crianças em dez países para investigar causas ambientais da doença

THIAGO FERNANDES

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A OMS (Organização Mundial da Saúde) iniciou neste mês um estudo global sobre a relação entre fatores ambientais e o desenvolvimento do câncer infantil. O trabalho vai acompanhar 1 milhão de crianças em dez países desde o nascimento até completarem 18 anos.

No Brasil, o estudo estará a cargo do Centro Infantil Boldrini, referência no tratamento da doença em Campinas (interior de São Paulo).

O hospital vai acompanhar 100 mil crianças em parceria com as Unidades Básicas de Saúde (UBS) da região.

Segundo Silvia Brandalise, presidente da instituição, os benefícios do trabalho devem começar a ser observados dentro de dez a 15 anos.

"O objetivo é identificar a maior incidência de câncer a partir da exposição a

derivados do benzeno ou a defensivos agrícolas. Esses riscos já são conhecidos mas, com esse trabalho, poderemos definir melhor o impacto epidemiológico e fortalecer a correlação estatística entre os fatores causadores e a incidência da doença", afirma.

Serão selecionadas mil gestantes, com incremento progressivo desse número até alcançar o total de 100 mil no prazo de dois anos e meio.

Elas deverão responder a questionários sobre exposição a fatores de risco em quatro momentos: no primeiro e no segundo trimestre da gravidez e quando a criança completar seis meses e um ano e meio de idade.

Depois, haverá a notificação da ocorrência de doenças graves ou incomuns nas crianças acompanhadas. Segundo Brandalise, a cada ano, devem ser registrados entre dez e 15 casos de câncer. "O estudo vai permitir identificar com detalhes os fatores ambientais que estão associados a esses casos."

Além do câncer, o hospital vai monitorar casos de malformação congênita e doenças da medula óssea, associadas à exposição a fatores de risco ambientais.

Para participar do projeto, o hospital construiu um novo prédio para o atendimento a pacientes. No entanto, segundo Brandalise, o hospital ainda não tem financiamento para a última etapa do processo, que é a conclusão do biorrepositório para armazenar o material orgânico coletado das mães e crianças.

"Esperamos ter financiamento para terminar as instalações a partir dos primeiros resultados do estudo."

Folha de S. Paulo – Ciência

EUA criam neurônio com Parkinson jovem

Pesquisa, feita a partir de células-tronco, ajuda a compreender a mutação que causa até 10% dos casos da doença

Células permitiram observar o mecanismo que causa degeneração dos neurônios ligados à dopamina

SABINE RIGHETTI

DE SÃO PAULO

Cientistas da Universidade de Nova York, em Buffalo, conseguiram desenvolver pela primeira vez em laboratório um neurônio vivo com o Parkinson "juvenil", que aparece antes dos 40 anos.

O neurônio com a doença foi produzido a partir de células da pele de quatro pacientes, sendo dois saudáveis e dois com a doença.

A partir dessas células, os pesquisadores desenvolveram as chamadas células-tronco iPS, que podem se transformar em qualquer célula -incluindo neurônios.

Os neurônios vivos com Parkinson, diferentemente dos neurônios vivos saudáveis, apresentam uma mutação em um gene específico que provoca a sua degeneração.

Essa alteração, que acontece no gene parkina, impede o controle de uma enzima que regula a oxidação de um neurotransmissor chamado dopamina. Com isso, o neurônio se oxida e as células são degeneradas.

O trabalho, publicado na "Nature Communications", joga uma luz sobre o mal de Parkinson comprovadamente causado por mutação genética -até 10% no total de casos. Os demais tipos têm causas desconhecidas.

"Os sintomas do Parkinson genético e não genético, no entanto, são os mesmos", diz o neurologista João Carlos Papaterra Limongi, da USP.

Os trabalhos com células-tronco iPS começaram em 2007. Desde então, cientistas de todo o mundo têm trabalhado para transformá-las em células ligadas a doenças neurológicas.

DIVISOR DE ÁGUAS

Isso porque é impossível estudar neurônios vivos humanos, que estão no cérebro e não podem ser retirados.

"Essa é a primeira vez que neurônios humanos ligados à dopamina foram gerados a partir de pacientes com Parkinson com mutações na parkina", diz Jian Feng, principal autor do estudo.

No caso do Parkinson, há um problema adicional que atrapalha as pesquisas: os modelos animais não podem ser utilizados porque a doença se manifesta de maneira diferente nos animais.

"Antes, não poderíamos nem pensar em estudar a doença em neurônios humanos", comenta Feng.

"Justamente por isso as células-tronco iPS são tão importantes", explica o neurocientista Stevens Rehen, da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), que trabalha com esse tipo de célula.

Apesar de os cientistas dos EUA terem estudado um tipo raro da doença, o trabalho pode ajudar a compreender como funciona a mutação do gene parkina.

"Mas ainda é cedo para se falar em tratamento ou cura. As pesquisas com células-tronco estão começando", lembra o neurologista Arthur Oscar Shelp, da Unesp (Universidade Estadual Paulista).

A pesquisa dos EUA foi financiada pela Fundação Michael J. Fox, criada pelo ator que protagonizou os filmes "De Volta Para o Futuro". Fox recebeu o diagnóstico da doença aos 30 anos.

Correio Braziliense – Saúde

Que coisa mais adolescente

Alterações hormonais e predisposição genética podem desencadear acne na vida adulta. Produtos muito oleosos também contribuem para o surgimento de cravos e espinhas, lembrando a fase jovem de homens e mulheres

Carolina Cotta

Belo Horizonte — Acne na adolescência é algo previsto. São os hormônios sexuais dessa fase da vida que estimulam as glândulas sebáceas a trabalhar além da conta. Se, contudo, os cravinhos e as espinhas o acompanharem na vida adulta, preste atenção: é sinal de uma alteração hormonal que merece investigação. A acne em adultos é diferente do quadro de acne no início da puberdade e pode seguir dois caminhos. Em algumas pessoas, é a extensão de um quadro iniciado tempos antes. Em outros, é a reaparição de um problema já resolvido no passado ou mesmo o primeiro contato com essa realidade.

Segundo Geraldo Magela Magalhães, membro do conselho da Sociedade Brasileira de Dermatologia — Regional Minas Gerais, a acne aparece em pessoas com uma predisposição genética a desenvolver o problema. Nesse grupo, a pele produz mais óleos que o normal e retém uma maior parte dessa secreção. Além disso, a pele não descama da forma correta e leva a um processo de inflamação: as conhecidas e muito temidas espinhas. “A maioria das pessoas tem acne na adolescência, que melhora com a proximidade da vida adulta, mas uma parcela vê o quadro persistir.”

As causas estão mais relacionadas a alterações hormonais, principalmente nas mulheres. Na fase adulta, a acne é mais comum entre elas, ao contrário da adolescência, quando atinge ambos os sexos. É por isso também que as mulheres que tomam anticoncepcionais, e assim regulam os hormônios, têm menos problema. “Muitas delas sequer tiveram acne na adolescência e, por um aumento desproporcional dos hormônios masculinos, ou outras causas extrínsecas, como medicamentos e produtos inadequados, desenvolvem o problema”, acrescenta Magalhães. Ligada à fase fértil da mulher, depois dos 45 ou 50 anos vira algo raro.

Segundo a dermatologista Dayse D’Ávila, a história natural da acne é sumir até os 24 anos. O que se estender ou surgir depois disso não é normal. “É um quadro diferente da acne na adolescência e demanda uma intervenção médica mais importante, por muitas vezes estar associada a uma disfunção hormonal, como ovários policísticos.” Isso também pode estar relacionado a um fator externo simples de resolver, como o uso inadequado de produtos, como gel, pomadas, condicionadores e mesmo o filtro solar errado para aquele tipo de pele. “Alguns cremes para rejuvenescimento também deixam a pele mais oleosa. Além disso, está cada vez mais comum as pessoas comprarem produtos no exterior, às vezes com o mesmo nome, mas feitos para uma pele de clima mais seco e frio”, pontua Dayse.

Investigação

A acne no adulto merece uma investigação, principalmente se vem de uma pausa do quadro anterior da adolescência. De fundo hormonal, nas mulheres pode estar ligada a casos de ovários policísticos. Em homens, também é preciso pensar em causas hormonais resultantes de tumores produtores de testosterona e alterações na tireoide. Pode estar ligada ao uso de suplementos orais, principalmente aqueles ricos em vitaminas do complexo B. “É muito comum aparecer em homens que malham e fazem esse tipo de suplementação”, alerta. De cara, Dayse pede um ultrassom para ver as dosagens hormonais. Em caso de alterações, o paciente é encaminhado ao endocrinologista.

O tratamento para acne na vida adulta é diferente dos cuidados na adolescência, pois, na maioria das vezes, já se inicia com medicamento de uso oral, como antibióticos ou isotretinoína. É associado a sabonetes adstringentes, ácidos que normalizam a descamação do folículo sebáceo, agentes antibacterianos e anti-inflamatórios. Para as mulheres, pode ser receitado ainda um diurético que normaliza a função hormonal, a espironolactona, mas é a isotretinoína a mais usada no mundo. “É a melhor medicação para acne e é segura. O problema é que, em caso de gravidez, basta um comprimido para se ter uma malformação do feto. Quem usa isotretinoína deve recorrer a pelo menos dois métodos contraceptivos”, alerta a médica. O remédio exige ainda acompanhamento do colesterol e da função hepática, e, por isso, somente é receitado depois de exames de sangue.

É um tratamento longo, de um a dois anos, mas que a nutricionista Marcella de Assis Anversa fez questão de fazer. Com 27 anos, ela se reencontrou com as espinhas que tanto a incomodaram na adolescência — quando teve um quadro grave com muita acne no rosto e nas costas, resolvido depois de sete meses de tratamento.

Há um ano e meio, os sinais voltaram. “Foi uma surpresa. Achei que estava livre das espinhas. É uma sensação horrível, pois parece que sua pele nunca está limpa. Além disso, a acne demanda muito cuidado, a pele fica mais sensível, qualquer produto que a gente usa aumenta a oleosidade. Enfim, é um efeito cascata”, conta. Desta vez, a acne se concentrou na região da mandíbula e da testa. Veio em menor quantidade, mas exigiu o tratamento com a isotretinoína, que Marcella está tomando há dois meses. “Fiz vários exames e não foi identificada uma alteração hormonal. No meu caso, é mais genético mesmo. Já que é assim, vamos tratar, então.”

Colágeno destruído

Graus muito elevados de acne que ficam sem tratamento podem provocar cicatrizes atróficas, depressões da pele comumente causadas pela destruição do colágeno depois de uma doença inflamatória, caso da acne. Na opinião de Letícia de Figueiredo Moura e Castro, cirurgiã plástica especializada em laserterapia, trata-se do procedimento cosmético mais difícil, mas que, com auxílio do laser de gás carbônico fracionado, tem apresentado bons resultados e poucos efeitos colaterais. Em contato com a pele, o laser fracionado provoca uma vaporização das células e um processo inflamatório, seguido da produção de fibras de colágeno que preenchem as cicatrizes. “Com apenas três sessões,

já temos 80% de melhora. Em até seis dias após a sessão é formada uma nova pele”, explica.